



AONDE VOCÊ PENSA QUE VAI? Violência, medo e estigma nas páginas dos jornais populares de São Luís - MA.<sup>1</sup>

Peterson Passion Birino Miranda<sup>2</sup>

## Introdução

Nos últimos anos, os estudos sobre a violência vêm ganhando cada vez mais relevância nas ciências humanas e sociais, o que é o notório se observarmos o crescimento quantitativo dos trabalhos de pesquisa tendo como eixo analítico o tema supracitado.

Os trabalhos de pesquisa que envolvem a questão da violência são encontrados em geral nos grandes centros urbanos do país, os quais concentram altos índices de criminalidade nas suas mais diversas modalidades. Por exemplo, em São Paulo, encontramos o trabalho da socióloga Teresa Caldeira (2003) sobre a criminalidade naquele município e sua influência no cotidiano e nas relações sociais dos habitantes, bem como na criação de espaços de segregação social; no Rio de Janeiro, há, por exemplo, a pesquisa realizada pela antropóloga Janice Perlman (1977) sobre a criação de um “mito da marginalidade”; em Brasília, podemos apontar a instigante coletânea de artigos sobre violência urbana na capital federal e em suas cidades satélites organizada por Aldo Paviani, Ignez Ferreira e Flósculo Barreto (2005); já em João Pessoa - PB, citemos outra coletânea de textos no campo da sociologia da violência organizada por Kátia Medeiros, Iara Martins e Edísio Ferreira Jr (2005).

Em São Luís, podemos citar a dissertação de mestrado do sociólogo Yuri Costa (2005) e a monografia do historiador Marmanillo Pereira (2007). Essas duas pesquisas se desenvolvem a partir da análise da relação entre violência e mídia, tendo aquela focalizado o fenômeno do linchamento e esta as representações da violência em jornais da cidade.

Sem dúvida, a maior atenção dada por pesquisadores e estudiosos à violência pode ser explicada tendo em vista o suposto aumento da criminalidade urbana no país, criando um clima de insegurança, medo e trauma social, que estabelecem uma mutação nas relações e

---

<sup>1</sup> O presente trabalho envolve parte da pesquisa que resultou na monografia intitulada *Sob o estigma da violência: representações sobre o bairro Vila Embratel na mídia*, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dra. Antônia da Silva Mota, apresentada ao curso de História da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em História, Ensino e Narrativas – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão.

práticas sociais cotidianas: a que horas chegar, por onde voltar, por onde não passar, onde morar, a que horas sair.

Nessa perspectiva apontaremos de que forma a mídia cria, reforça e potencializa estereótipos e visões deturpadas sobre sujeitos, grupos e espaços sociais, por meio de uma espetacularização das notícias envolvendo a criminalidade violenta. Tais representações reiteradas cotidianamente nas páginas policiais criam e reforçam ainda estigmas imputados aos espaços sociais considerados “periféricos” tomados como naturalmente violentos.

Para tanto, analisaremos as notícias que tem como foco crimes violentos presentes em dois jornais “populares” de São Luís, a saber: *Aqui –MA* e *Itaqui – Bacanga*, os quais lançam mão de uma linguagem bastante coloquial e, por vezes, rasteira.

Levando em consideração que os jornais atuam como “fazedores da história” (SILVA, 2007), faz-se necessário analisar a construção da memória ligada aos bairros “periféricos”, focalizando especialmente o bairro Vila Embratel, situado na cidade de São Luís-MA, buscando descortinar a constituição da identidade dos moradores e do próprio bairro.

### **A formação do Bairro Vila Embratel**

Antes de partirmos para a análise das representações produzidas pela mídia sobre o Bairro Vila Embratel, parece-nos pertinente e indispensável promovermos uma breve incursão sobre sua formação histórica. Como em diversos bairros da cidade de São Luís, a Vila Embratel foi constituída essencialmente por populações de origem pobre, que buscavam melhores condições de vida, emprego e moradia digna.

O bairro Vila Embratel está situado numa região conhecida como Área Itaqui – Bacanga, no sudoeste da Ilha do Maranhão<sup>3</sup>, distante 6 km do centro da capital. A referida região surgiu no bojo do processo de reordenamento do espaço urbano ludovicense, resultante da “política de modernização conservadora” promovida pelo governo estadual, entre as décadas de 1960 e 1980. A partir deste período, a cidade apresentou um exponencial crescimento populacional que se correlaciona com a implantação de grandes empresas<sup>4</sup> e com a presença de grandes projetos, especialmente no campo da exploração mineral. O espaço

---

<sup>3</sup> Também conhecida como Ilha de São Luís, na qual estão situados quatro municípios, a saber, São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e São Luís.

<sup>4</sup> Especialmente a Companhia Vale do Rio Doce e o Consórcio de Alumínio do Maranhão – ALUMAR.

urbano ludovicense, deste modo, transformou-se como decorrência do incremento destes grandes projetos na economia maranhense.

Esta tentativa de reestruturar a combalida economia maranhense combinava desenvolvimento, atraindo grandes investimentos, e injustiça social, na medida em que esses projetos remodelaram a organização fundiária, acirrando os conflitos pela terra e obrigando populações inteiras a migrarem para o meio urbano. (DA LUZ, 2004; PEREIRA, 2007; BURNETT e VENANCIO, 2008)

A construção da Barragem do Bacanga, em 1970, como meio de acesso ao porto do Itaquí (1971), resultou no surgimento de uma nova frente de ocupação do território em direção ao sudoeste da Ilha do Maranhão. Essa região, até então pontilhada por diversas comunidades rurais tradicionais, passa, a partir desse momento, a receber um crescente número de contingente populacional em busca de trabalho e moradia digna, dando origem a bairros como Sá Viana, Anjo da Guarda, Fumacê, Vila Nova e Vila Embratel. (BURNETT; VENANCIO, 2008, p.13)

O bairro Vila Embratel surgiu no final da década de 1970, no bojo do contexto acima referido, recebendo moradores do bairro vizinho, o Sá Viana, que residiam em regiões baixas suscetíveis aos alagamentos frequentes ou que foram removidos pela Universidade Federal do Maranhão por habitarem em território da mesma. Sem qualquer infraestrutura, como em diversos outros bairros da cidade, os moradores construíram suas humildes casas e enfrentaram a falta de saneamento básico, de energia elétrica e de água, bem como de outros serviços públicos essenciais como unidades de saúde e escolas. (MIRANDA, 2011:53-56)

Conforme afirmam Burnett e Venâncio, o processo de (des) ordenamento do espaço urbano, conformando espaços diferenciados aos mais abastados e aos pobres, é uma marca histórica da cidade de São Luís. A partir do projeto modernizador instaurado entre as décadas de 1960 e 1980, o processo de segregação do espaço urbano, pretendido pelos “donos do poder” desde tempos coloniais, é colocado em prática, logrando a criação de espaços sociais distintos para as camadas pobres e para a classe média alta. Concretiza-se o que podemos denominar de “política segregacionista sócio espacial” quando

(...) finalmente será lograda a perseguida segregação social que, incapaz de se realizar nas áreas centrais da cidade, fará a classificação de áreas nobres e populares, através do zoneamento, programando e legislando sobre a separação espacial da população. Assim, enquanto as áreas litorâneas são mantidas fora do alcance dos mais pobres, o restante do novo território é ocupado por dezenas de bairros

populares, surgidos às margens das inúmeras avenidas construídas no período. (BURNETT; VENÂNCIO; 2008:13)

A região do Itaquí-Bacanga seria um desses espaços “destinados” a comportar os grupos menos abastados, afastando das regiões nobres a população pobre que compunha e ainda compõem majoritariamente os 53 bairros da região. Apesar da relativa melhoria da infraestrutura de serviços públicos na região, especialmente se comparado a trinta anos atrás, nota-se ainda hoje uma grande ineficiência das ações do Estado, bem como resiste o estigma que associa a região do Itaquí-Bacanga e o Bairro Vila Embratel à criminalidade e à pobreza que conduzem a uma desqualificação social. O nosso bairro, neste sentido, é tomado como naturalmente violento pelas mídias, criando estereótipos e visões deturpadas sobre o mesmo, fabricando um espaço de terror permanente, um espaço de criminosos em potencial.

### **Representações sobre o bairro Vila Embratel: sob o signo da violência**

Partindo da ideia de “estigma” proposta por Erwin Goffman (1975:13), compreende-se que são atribuídas ao Bairro Vila Embratel características “profundamente depreciativas”, desprezíveis ou reprováveis associadas especificamente a violência. Segundo Rangel, o estigma apresenta-se como

(...) uma marca, um rótulo que se atribui a pessoas com certos atributos que se incluem em determinadas classes ou categorias diversos, porém comuns na perspectiva de desqualificação social. Os rótulos dos estigmas decorrem de preconceitos, ou seja, de ideias pré-concebidas, consolidadas no pensamento, crenças, expectativas sócio individuais. (RANGEL, 2004:61)

Desta forma, o espaço social é “rotulado” a partir de um elemento – a violência – amplamente difundido por meio da mídia. O estigma funciona como um sinal de desvio, de impureza, de vergonha, em suma, expressão máxima da marginalização, ou no dizer do sociólogo Serge Paugam (2003: 176), “sujeira impregnada na pele [que] provoca repugnância naqueles que se aproximam”. Tal estigmatização, evocada hodiernamente pela mídia, incide sobre os moradores, uma vez que, conforme o sociólogo Patrick Champagne (2008: 73-74) “marca essas pessoas mesmo quando elas estão fora de seus bairros” e sobre o próprio espaço, visto como propenso à fabricação de criminosos e como palco exclusivo da criminalidade.



De fato, se percebe que historicamente os bairros considerados periféricos têm suas identidades forjadas a partir de representações estigmatizantes ligadas à pobreza, exclusão e violência. Assim, segundo as pesquisadoras Ignez Ferreira e Nelba Penna (2005: 60), a territorialização da violência se processa da seguinte forma:

Tradicionalmente, a violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social, à omissão do Estado, à ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria enclaves de pobreza e as periferias. A complexidade e o crescimento da violência têm levado a considerá-la como o resultado de junção de todos esses aspectos, facetas do processo social. É no território que esses diferentes aspectos do processo social se articulam, interpenetram-se, completam-se e contradizem-se. Admite-se então que a violência também se territorialize.

Ao voltarmos nosso olhar para a formação histórica do Bairro Vila Embratel, percebemos que todos os elementos supracitados atingiram de forma avassaladora aquele espaço social.

O estigma está impresso nas representações sobre o Bairro Vila Embratel enunciadas pela mídia, especialmente nos jornais impressos, que estabelecem classificações, hierarquizações e diferenciações sociais. O historiador francês Roger Chartier assevera que as representações do mundo social envolvem e enunciam formas de poder e dominação e, como tais, seus embates “têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais os grupos impõem, ou tentam impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”. (CHARTIER, 1990:18)

Ao nos debruçarmos sobre a análise das notícias de jornais relacionadas ao bairro Vila Embratel percebemos um elemento que sobressai como um signo identitário daquele localidade: a violência. Utilizamos em nosso esforço analítico dois jornais de grande circulação na cidade de São Luís, a saber, o jornal *Aqui - MA* e jornal *Itaqui-Bacanga*.

O jornal *Aqui-MA* começou a circular em 2008, adotando uma linguagem bastante coloquial e, por vezes, rasteira, claramente voltada para os leitores com uma grau de instrução menos elevado. O periódico, que pode ser adquirido por apenas 0,50 centavos, é vendido em formato de tablóide e tem como carro-chefe de sua linha editorial as notícias sobre crimes violentos, em geral ocorridos em regiões consideradas “periféricas”, mas, no decorrer de suas 20 páginas (em média), encontramos reportagens sobre variedades, política, esportes e curiosidades, entre outros.

Por sua vez, o jornal *Itaqui – Bacanga* surgiu em 2005 e possui sede no bairro Anjo da Guarda, situado na região que dá nome ao periódico. O jornal não possui um caráter

comunitário e nem se limita a publicar notícias sobre a área Itaqui-Bacanga. Além disso, o jornal tem periodicidade semanal, custa atualmente 2,00 reais e circula em várias regiões da cidade. Seu procedimento editorial assemelha-se ao *Aqui-MA*, adotando as notícias sobre a criminalidade como eixo central de sua linha editorial, porém caracteriza-se pelo uso exacerbado de fotografias, em geral, de cadáveres na cena do crime.

O que estes dois jornais têm em comum é o fato de utilizarem uma linguagem comum, coloquial, popular, sem grande rebuscamento, como “tentativa de uma maior aproximação com o leitor das classes menos escolarizadas da população”, como afirma Dias (1997:91), em outro contexto; por isso, podemos chamá-los de “jornais populares”.

Para esta pesquisadora, “a configuração visual (...) é primeira etapa do processo de comunicação com um grupo de leitores cujo nível de instrução não ultrapassa o primeiro grau”. (1997: 92) Deste modo, o aparato visual utilizado pelos jornais é fundamental em nossa análise, na medida em que atuam como um elemento atrativo para aguçar a curiosidade do leitor/consumidor.

Não se está negando a possibilidade de leitores com nível de instrução elevado e de grupos sociais abastados também consumirem os jornais ditos populares, porém, nota-se ao analisar as estratégias de elaboração das notícias um direcionamento para o público-leitor de camadas de baixa renda e com grau de instrução baixo.

Diante disto, fica claro que o papel exercido pela “fala do crime”, conceito cunhado pela socióloga Teresa Caldeira (2003), gravita em torno da reafirmação e ampliação das discrepâncias sociais. Para esta autora, a “fala do crime” seria a “repetição incessante” dos acontecimentos violentos expressos em conversas, piadas, brincadeiras, narrativas, numa tentativa de tentar compreender a natureza imprevisível e implacável da violência. Neste sentido, assentimos que os jornais emitem uma “fala do crime” na medida em que reiteram rotineiramente notícias sobre criminalidade, buscando reordenar e resignificar o espaço urbano, ao passo em que, contribuem para a proliferação da própria violência.

A partir da espetacularização da violência percebida nos meios de comunicação são forjadas visões estereotipadas sobre sujeitos, grupos e espaços que reforçam e potencializam o processo de segregação sócio espacial verificada, por exemplo, na cidade de São Luís. O resultado das representações da violência expostas na mídia (em especial nos jornais populares ludovicenses, ora analisados) é duplo. Primeiro: por meio de relatos do crime, paradoxalmente, simplistas e espetaculares, e cotidianamente recorrentes, a violência é

banalizada; segundo: as narrativas jornalísticas colocam a criminalidade como inerente a determinados espaços sociais, notadamente as periferias, representando-as sob o estigma da violência.

Faz-se indispensável, neste ponto, exumar as formas de reprodução e aprofundamento dos estigmas sobre os espaços urbanos periféricos exercidos diariamente pelos jornais *Aqui-MA* e *Itaqui-Bacanga*. Concentraremos nossas atenções especificamente sobre as manchetes que tem como cenário o bairro da Vila Embratel, uma vez que observa-se nos jornais supracitados que esta comunidade é repetidamente mencionada nas páginas desses periódicos e sendo, via de regra, associada a criminalidade, a marginalidade, a pobreza.

Percebemos que as imagens (elementos fundamentais na construção da mensagem) veiculadas nos jornais locais são predominantemente de cadáveres na cena do crime, enterros, ou pessoas (geralmente de cor negra) sendo detidas ou apresentadas na delegacia do bairro. Cria-se, deste modo, um discurso pautado no acirramento das desigualdades sociais, no qual se apresenta ao público leitor a imagem da marginalidade, da periferia, do ralo social.

Vale pontuar que o enfoque exacerbado dado às notícias de crimes violentos ocorridos em bairros de periferia está inserido na “lógica do consumo”, pois são as que despertam maior interesse no público leitor/consumidor (em sua maioria, de camadas pobres) dos jornais populares de São Luís.

Como já pontuamos nos jornais populares locais, *Aqui-MA* e *Itaqui-Bacanga*, a linguagem coloquial e, por vezes, rasteira e cômica, é notadamente predominante, pois se quer atingir um público amplo, e via de regra, pertencente às camadas de baixa renda. Tomemos como exemplo a notícia veiculada no jornal *Aqui-MA* a qual destaca em primeira página o seguinte: “A Culpa é da Cachaça: Homem estupra enteada de nove anos e diz que fez porque estava bêbado. Por pouco ele não foi linchado após crime.” Num primeiro momento é interessante atentarmos para a forma como a mensagem é transmitida: em letras garrafais, o texto traz na parte superior o nome “Vila Embratel”, situando o leitor quanto ao local de tão sórdido delito. Além disso, todo o texto é escrito sobre um fundo preto transmitindo um ar sombrio e desprezível. A mensagem é concluída com um título chamativo em tom sarcástico; obviamente um humor impertinente, logo que se verifica a gravidade do fato. (*Aqui-MA*, 24, 25 e 26/12/2010, p.1)

Percebe-se também que os editores dos jornais ora analisados supervalorizam especialmente os homicídios como manchetes principais das edições, visto que provocam um grande impacto visual, sendo, portanto, chamativos e atraentes. (COSTA, 2007)

Nestes termos, destacamos uma reportagem do Jornal *Itaqui-Bacanga* na qual são relatados de forma compacta oito assassinatos, sendo dois ocorridos na Vila Embratel. Cada relato é acompanhado pela fotografia da vítima desfalecida, ilustrando o suposto “aumento das mortes na capital”. A mensagem é elaborada para reproduzir a *onda de violência* que transmuta-se em insegurança e medo, especialmente nas áreas periféricas, palco da maioria dos assassinatos. (*Itaqui-Bacanga*, 4-10/12/2011, p.8)

Esse suposto crescimento da violência presente no discurso jornalístico é problematizado por Benevides alertando que “a propaganda e o medo teriam crescido muito mais que a própria criminalidade violenta. Trata-se, pois, de não confundir a visibilidade de um fenômeno com sua existência real.” (BENEVIDES, 1983: 23)

Sem dúvida, as reportagens dos jornais aqui analisados criam um clima de medo jogando com as sensações do leitor promovendo mesmo um aumento da criminalidade como se de fato aquilo se verificasse na realidade. Em geral, os espaços onde mais se representa esta hipotética explosão de violência são os bairros periféricos.

Ao analisar as páginas policiais do jornal *Folha de Pernambuco*, os sociólogos Kátia Medeiros e Edísio Ferreira Jr. (2005: 21) constataram que

As imagens de homicídio são apresentadas como um produto padronizado que supõe um olhar homogêneo, encobrindo relações de estigma e segregação. Perde-se o potencial crítico contra estas relações que despersonalizam o indivíduo morto, tratando-o como um produto exposto ao consumo. Confirma-se o existente como natural e inevitável, impedindo uma reflexão que ultrapasse a mesmice do exposto.

Nos jornais *Aqui-MA* e *Itaqui-Bacanga* não é diferente. As *falas do crime* veiculadas nestes periódicos trazem embutidos em seu discurso representações impregnadas de estereótipos sobre a mulher, o negro, os jovens, bem como sobre os espaços sociais considerados periféricos. Note-se também que os enredos, de um modo geral, seguem um modelo, que pressupõe um desfecho previsível e preconcebido pelo leitor, devido à repetição cotidiana dos homicídios.

Percebemos ainda que na maioria das reportagens sobre os crimes na Vila Embratel não se preocupam em informar a profissão (às vezes, nem mesmo a idade) dos sujeitos envolvidos nos atos criminosos, fundamentalmente nos homicídios, contribuindo, assim, para a criação de verdadeiros “personagens do crime”, que são destituídos de suas identidades civis



para encarnar a do “criminoso”, “marginal”, “trucidado”, “esquartejado”, “perigoso” ou “morto”.

Além disso, a maioria das notícias de homicídios na Vila Embratel selecionados não tiveram os autores e motivos esclarecidos, o que supõe que naquele espaço o crime é insolúvel, a justiça não se faz. Cria-se uma espécie de “terra sem lei”; há corpo, mas não há provas; há vestígios, mas não há suspeitos. Assim, a violência se naturaliza; qualquer um pode ser a próxima vítima, sob pena de não ser justificado, fazendo proliferar um estado de medo social, que segundo a pesquisadora Luiza Baiarl (2004: 40) “(...) leva as pessoas a paralisarem e alterarem suas relações e suas formas de ser no espaço em que vivem, em seus contextos individuais.”

Em notícia publicada no *Aqui-MA*, que tem como título, “Amarrado para morrer”, notamos mais uma vez a ênfase em crimes que possuem autores e motivos desconhecidos. O enredo gira em torno da morte de um sujeito conhecido como “Rosa Boi”, 44 anos, encontrado com “as mãos amarradas para trás” e “um corte profundo no tórax dentro de um barraco”. O crime ocorreu na Avenida Principal da Vila Embratel próximo à torre da Embratel. Os “requintes de crueldade” são, obviamente, focalizados pela reportagem, valorizando os detalhes impactantes. No “sobretítulo” da reportagem enfatiza-se o local do crime: a Vila Embratel. A narrativa destaca que o ponto onde foi encontrado o corpo da vítima “serve para usuários de drogas e assaltantes” que “guardam o produto de roubo”. De certa forma, a morte é justificada, mesmo não havendo suspeitos, ao passo em que supõe-se que o crime esteja ligado ao envolvimento da vítima com o tráfico de drogas. (*Aqui-MA*, 10 e 11/12/2011, p.1)

Além disso, a notícia supracitada exemplifica aquilo que o historiador Marmanillo Pereira chama de “detalhes mortificantes” definidos como aqueles que focalizam “o momento quando a vida é extinta”, uma vez que

a notícia de homicídio traz informações que enfatizam a morte, fornecendo detalhes dos locais onde ocorrem os ferimentos letais e relatando precisamente o número de disparos e de facadas efetuadas nas vítimas. (...) A repetição e ênfase dada a essas informações nos títulos das manchetes possuem um grande poder estigmatizante, principalmente para aqueles que facilmente associam pobreza à violência. (PEREIRA, 2007: 57-58)

Deste modo, as representações da Vila Embratel nestas mídias efetivamente reproduzem e incitam a repulsa, o desprezo, o medo de qualquer leitor entrar em contato com

aquele bairro, visto que este é apresentado publicamente como um espaço de criminosos, bandidos, marginais.

Outra reportagem ressalta mais concretamente a imagem de terror associada à Vila Embratel. A notícia expõe de forma concisa que aquele espaço convive diariamente com a violência, a qual teria se tornado um elemento naturalizado no cotidiano do bairro: “A Vila Embratel voltou a ser abalada com *mais um* crime de homicídio. *Ali a vida está banalizada.*” (grifo meu) Explicitamente, o texto jornalístico assinala a situação inexorável que supostamente se impõe àquela realidade, expressada na perda de sentidos, no trauma provocado pela violência excessiva, na destruição do valor da vida. A narrativa ainda denota a repetência de crimes, dando implicitamente a certeza da ocorrência posterior de cada vez mais delitos: “*Mais uma* noite é marcada por homicídio trágico com requintes de crueldade”. (OUTRO CRIME, Aqui-MA, 2/12/2011, p. 4)

A ideia de terror constante é ainda explorada em outras três reportagens: “‘Baixinho’ bom de briga *aterroriza* a Vila Embratel” (Aqui-MA, 10/1/2011, p.4); “Saulo se autointitulava o ‘terror da Vila Embratel’” (Itaqui-Bacanga, 20-26/11/2011, p.8); “GTA bota em ‘cana’ galera que espalhava o *pânico* na Vila Embratel” (Aqui-MA, 29/11/2011, p.1) (grifo meu)

Notamos ainda que as reportagens sobre tráfico de drogas também são bastante exploradas, não raro exibindo a fotografias dos presos sendo apresentados na delegacia, o que responde aos anseios da população insegura e amedrontada de verem os criminosos serem devidamente punidos. De certa forma, os jornais operam com a velha máxima popular já interiorizada pela “sociedade de bem”: “o crime não compensa”. Soma-se a isso, a repetição rotineira deste tipo de reportagem (e também de outros) que atua como uma espécie de “treinamento” que imputa ao leitor uma presunção do desfecho do enredo. Dois exemplos expressam tal constatação.

O primeiro exemplo traz no título o seguinte enunciado: “Vila Embratel: Polícia prende os ilustres ‘Carequinha’, ‘Macumbeiro’ e ‘Keké’”. Em tom irônico, a reportagem aponta os acusados como de “alto risco para a sociedade”, destacando a imensa lista de crimes cometidos pelos mesmos, incluindo assaltos, furtos, homicídios e tráfico de drogas. (Aqui-MA, 7/12/2011, p.1 e 4) Num segundo exemplo, o texto enuncia: “‘Troco’ e ‘Cicatriz’ são presos por assaltar e vender drogas na Vila Embratel”. Também a notícia enfoca a grande quantidade de crimes cometidos pelos detidos, entre eles, “assaltos a ônibus”, “roubos a

alunos da escola técnica do SENAI”, além de envolvimento com tráfico de drogas. A notícia ainda é ilustrada pela fotografia dos “acusados” sendo apresentados no “16º DP da Vila Embratel”. Desenham-se, dessa forma, enredos com “final feliz”, no qual a segurança pública mostra sua eficiência no combate ao tráfico. Sob outra perspectiva, percebemos que os acusados encarnam a própria imagem que é vendida sobre a Vila Embratel (bandido/marginal), e o poder público (o mocinho) se apresenta como mantenedor da ordem social, reprimindo o crime e legitimando a força do Estado, mesmo em um espaço historicamente marcado pela ausência dele.

### **A construção da memória e da identidade dos moradores e do espaço social: à guisa de conclusão**

Partindo da ideia de que a memória enquanto operação coletiva intenta a salvaguarda dos acontecimentos e interpretações do passado, conforme assevera Pollak (1989), podemos pensar que, no caso das mídias, ora analisadas, o que se salvaguarda, via de regra, não são os fatos ou as informações, mas sim o jogo simbólico, as representações que enunciam estereótipos e hierarquizações sociais, numa clara reafirmação de estigmas sobre sujeitos, grupos e espaços sociais. Um ou outro acontecimento pode ser preservado na memória coletiva, porém, reforçam-se, sobretudo as representações estigmatizantes.

Percebemos que tais mídias contribuem de forma relevante na construção de “memórias traumáticas” em torno dos espaços considerados periféricos, frequentemente representados como territórios da violência.

Destacando o papel do historiador na *fabricação* dos eventos históricos, a pesquisadora Sônia de Meneses Silva propõe uma problematização do “conhecimento histórico elaborado por não historiadores de ofício”. Segundo esta autora, “o século da mídia espetacularizou o acontecimento, oferecendo como mercadoria em uma feira barulhenta, tornando-o indomável”. (SILVA, 2007: 190)

Numa sociedade bombardeada por informações e imagens múltiplas oriundas de todas as partes, as mídias exercem um trabalho permanente de cristalização da memória, em nosso caso, ligada à violência, conformando identidades marcadas pela exclusão e pela desqualificação social. A memória define o *lugar*, mais um importante elemento na

conformação da identidade, deste modo, acomoda-se uma ideia de que determinado espaço possui aquela identidade e não outra. (POLLAK, 1989)

Assim, tomar a produção midiática como um tipo de produção do conhecimento histórico implica problematizar sua contribuição na constituição de uma memória sobre os fatos, os sujeitos e os espaços sociais. Implica ainda compreender a construção da identidade ligada ao lugar, ao espaço social: no caso do bairro Vila Embratel, os jornais ora analisados moldam uma identidade vinculada a caracteres desqualificantes que marcam os sujeitos e o próprio bairro como naturalmente violentos.

As reportagens apresentadas no decorrer deste texto deixaram evidente o enfoque especial dado às notícias que envolvem os bairros de periferia, em especial, a Vila Embratel. Representada de forma pejorativa e sensacionalista, este bairro é infelizmente reconhecido como gestor e difusor da criminalidade, sendo, por consequência, seus habitantes potenciais criminosos. Toma-se uma ínfima parte de bandidos pelo todo, sendo a mídia um importante veículo de reprodução e potencialização destas representações.

Forja-se uma memória sobre nosso bairro pautada na violência, na pobreza e na exclusão, de tal modo que associa-se aos moradores e ao próprio bairro uma visão estigmatizada.

Portanto, fica patente que as falas do crime espetacularizadas pelos jornais populares ludovicenses reafirmam e amplificam diariamente visões estereotipadas e que, de fato, criminalizam os bairros periféricos e seus moradores, contribuindo, deste modo, para a estigmatização do referido espaço social, a partir de representações pautadas na violência. Desta forma, encerra-se o processo de segregação sócio-espacial cotidianamente forjado, de forma simbólica, nos jornais.

Defendemos que a superação deste tão violento e sórdido quadro representacional construído sobre a Vila Embratel (e também sobre outros bairros periféricos) que desembocou na estigmatização do mesmo, passa efetivamente pela crítica aos procedimentos editoriais apelativos e viciosos que em nada contribuem para a melhoria ou erradicação da violência em nossa cidade. Pelo contrário, contribuem para ampliação da própria violência e para a construção de uma memória pautada no medo e no trauma social associado aos espaços considerados periféricos, na medida em que “impõe separações, constroem muros, delineiam e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições,



multiplicam regras de exclusão e de evitação, e restringem movimentos.” (CALDEIRA, 2003: 28)

## **Referências**

BENEVIDES, Maria Victória. **Violência, Povo e Polícia: Violência Urbana no Noticiário de Imprensa**. São Paulo: Brasiliense/CEDEC, 1983.

BURNETT, Frederico L.; VENANCIO, Marluce W. C. “Breve Perfil Histórico da Habitação Popular em São Luís”. *In: São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara. Guia de Arquitetura e Paisagem*. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008, 15p

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2003.

CHAMPGNE, Patrick. “A visão Mediática”. In: BOUDIEUR, Pierre. Et. al. (Coords.). **A Miséria do Mundo**. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. “Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1990, p. 13-28. – (Coleção memória e sociedade).

COSTA, Yuri M. Pereira. **Atos de Justiça coletiva: representações da violência na mídia**. Dissertação de mestrado em sociologia e antropologia, UFMA, 2005.

DA LUZ, Josinaldo Santos. **Lutas por Moradia e Expansão do Espaço Urbano na Cidade de São Luís**. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas, UFMA, 2004.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Ignez; PENNA, Nelba. “Território da violência”. PAVIANI, Aldo; FERREIRA, Ignez; BARRETO; Flósculo (orgs.). **Brasília: dimensões da violência urbana**. – Brasília: Editora Unb, 2005. p. 57-86.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MEDEIROS, Kátia; FERREIRA JR., Edísio. “A Despersonalização e os abusos na exposição das vítimas de homicídio”. In: \_\_\_\_\_; MARTINS; Iara (orgs.). **Sociologia da Violência: textos sobre juventude e mídia**. João Pessoa, PB: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005, p.19-32.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; MARTINS; Iara (orgs.). **Sociologia da Violência: textos sobre juventude e mídia**. João Pessoa, PB: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

MIRANDA, Peterson P.B. **Sob o estigma da violência: Representações sobre o bairro Vila Embratel**. Monografia de conclusão do curso de história. São Luís: UFMA, 2011.

PAUGAM, Serge. **A Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: EDUC/Cortez Editora, 2003.

PEREIRA, J. Marmanillo. **Representações sobre a violência: o medo na imprensa escrita ludovicense**. Monografia de conclusão do curso de História, UFMA, São Luís, 2007.

PERLMAN, Janice. **O Mito da Marginalidade: Favelas e Políticas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POLLAK, Michael. “memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Sônia M. de Meneses. “Os historiadores e os ‘fazedores de História’: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática”. **Revista OPSIS**, Goiânia, v. 7, n. 09, jul/dez. 2007, p. 187-198.

RANGEL. M. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducativos**. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2004.

### **Periódicos**

A CULPA É DA CACHAÇA. *Aqui-MA*, 24/12/2010

AMARRADO PARA MORRER. *Aqui-MA*, 10 e 11/12/2011

‘BAIXINHO’ BOM DE BRIGA... *Aqui-MA*, 10/1/2011, p.4

GTA BOTA EM ‘CANA’... *Aqui-MA*, 29/11/2011

OUTRO CRIME..., *Aqui-MA*, 2/12/2011

POLÍCIA PRENDE OS ILUSTRES... *Aqui-MA*, 7/12/2011

SAULO SE AUTO-INTITULAVA... *Itaqui-Bacanga*, 20-26/11/2011, p.8

SEMANA É MARCADA POR MORTES... *Itaqui-Bacanga*, 4-10/12/2011

‘TROCO’ E ‘CICATRIZ’ SÃO PRESOS... *Itaqui-Bacanga*, 17-23/4/2011